

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM JUVENTUDE NO MUNDO  
CONTEMPORÂNEO**

**OS DESAFIOS DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA DO  
CAMPO EM MEIO AO MUNDO URBANO**

**Antonia Francilda Firmino dos Santos**

**luiu**

**2011**

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM JUVENTUDE NO MUNDO  
CONTEMPORÂNEO**

**OS DESAFIOS DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA DO  
CAMPO EM MEIO AO MUNDO URBANO**

**ALUNA:  
ANTONIA FRANCILDA FIRMINO DOS SANTOS  
ORIENTADOR:  
Prof. Ms. LOURIVAL RODRIGUES DA SILVA**

**Monografia apresentada ao Curso Pós-  
Graduação Lato Sensu em Juventude no Mundo  
Contemporâneo, como requisito para grau de  
especialista.**

**Iuiu**

**2011**

# OS DESAFIOS DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA DO CAMPO EM MEIO AO MUNDO URBANO

ANTONIA FRANCILDA FIRMINO DOS SANTOS

Monografia para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *Latu Senso* em Juventude no Mundo Contemporâneo, submetido à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia / FAJE e à Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude / RBJ, como parte dos requisitos para o grau de Pós-Graduado em Juventude no Mundo Contemporâneo.

Aprovada por:

\_\_\_\_\_

Assinatura do/a Orientador/a

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

**A todas as pessoas que amo!**

**“O que o coração amou, o tempo eternizou.”**

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho reconheço-o qual parto coletivo e serei eternamente grata aos/as que nele imprimiram parte de si, direto ou indiretamente. Nomearei alguns e algumas que de forma sutil ou impetuosa registrou apoio e afeto efetivo.

Gratidão eterna ao Deus que me conduz e se revela em amor personificado. Graças pelo elenco maravilhoso, especialmente selecionado:

Todos os professores e professoras da pós, verdadeiros mestres, enquanto profissionais e seres humanos comprometidos com a vida;

Aos e às colegas estimados/as que me ensinaram a ser melhor;

À minha família querida que me acompanhou em cada etapa com carinho, oração e apoio, especialmente as manas: Celma, Dida e Necilda (missionária na Guatemala) e o mano Carlito;

Ao Pe. Zé Silva, muito diligente no empréstimo dos subsídios bibliográficos de sua afeição;

A Ir. Keila, intermediária na conquista dos subsídios de pesquisa;

À jovem Rosângela (PJ-Caetité) que proveu quase um dossiê da PJ para me acudir;

A Ir. Marleuda, companheira de jornada nas suas repetidas contribuições;

Ao meu mais novo amigo Leandro, que apareceu como um “anjo” nas últimas horas de empreitada para “aquela força” e correção final;

Ao meu coordenador, professor, orientador e mestre, Lourival Rodrigues da Silva, flui do meu âmago, inexaurível gratidão pelas inúmeras gentilezas, bondade, paciência e a linda partilha de vida;

Aos jovens e às jovens, que participaram da minha pesquisa, meu carinho inesgotável. Na análise deste trabalho, nada é superior às suas histórias de vida. Acolho-as com o afeto e o respeito que se toca no sagrado. Muito obrigada!

## **RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo investigar o jovem do campo (histórias, falas, entrelinhas, comportamentos, etc.) no mundo contemporâneo a partir de sua trajetória de migração para a cidade, observando sua intervenção social no Município de Luiú-BA. Pretendeu-se também observar as novas formas de organização e novos espaços a partir do contexto de saída do meio rural para o urbano, verificando quais são os valores que estes assimilam a partir da vivência no meio urbano. A metodologia utilizada é quantitativa com base numa pesquisa de campo. Construímos um referencial teórico que imprimisse suporte para a compreensão do mundo juvenil contemporâneo permeando os vários recortes que revelam o diferencial de cada abordagem. Acreditamos que esta obra propiciará um maior conhecimento da realidade juvenil, despertando o senso crítico, podendo levar a uma postura política nos grupos de jovens e em outros espaços da vida social num processo de busca de autonomia na superação dos desafios que o sistema social lhes impôs.

### **Palavras-chave:**

Juventudes; Jovem do campo; Migração; Contemporâneo; Intervenção social.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 1 – O QUE É SER JOVEM NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>12</b>
1.1. Aspectos da contemporaneidade sobre a juventude.....	12
1.2. O que se entende por juventude.....	15
1.3. Contextos que interferem no modo de ser jovem.....	22
<b>Capítulo 2 – JOVENS: DO CAMPO PARA A CIDADE.....</b>	<b>27</b>
2.1. Os jovens no campo.....	27
2.2. Comportamento dos jovens do campo na cidade.....	30
2.3. Desafios vividos pelos jovens da roça na cidade.....	33
<b>Capítulo 3 – PARTICIPAÇÃO E A VIDA COMUNITÁRIA JUVENIL..</b>	<b>36</b>
3.1. Igreja espaço de acolhida dos jovens do campo.....	36
3.2. Espaços de participação dos grupos juvenis.....	41
3.3. A juventude imprimindo mudanças.....	43
3.4. Participação juvenil na Igreja.....	44
3.5. Os jovens migrantes em meio à família.....	48
3.6. Oportunidades de trabalho e escola.....	49
3.7. Desafios para os jovens provenientes do campo.....	51
3.8. O lazer.....	53
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>59</b>

# INTRODUÇÃO

O topônimo Iuiú começou a ser utilizado a partir de 1938, adotado em decorrência da grande incidência de um peixe na região conhecido pelo nome de “iuiú”. A fertilidade de suas terras chamou a atenção de muitos moradores de outras regiões, como Palmas de Monte Alto, Guanambi, Riacho de Santana, Bom Jesus da Lapa, Caetité e Carinhanha. O povoado inicialmente pertencia à Comarca de Carinhanha e, posteriormente, à de Malhada. Sua criação se deu por força da Lei nº 4.833 de 24 de fevereiro de 1989, que emancipou o município, politicamente desmembrado de Malhada. Iuiú, situada no Sudoeste Baiano, região sertaneja, a 850 km da Capital, com uma área de 1.093,72 Km quadrados e 12.093 habitantes.

Em 1937 foi construída a primeira Igreja. O governador da época fez a doação da imagem de Santa Luzia, que ficou sendo a padroeira do povoado. Posteriormente à sua emancipação, Iuiú se tornou paróquia pertencente à Diocese de Caetité.

A maior parte da população vive da cultura de subsistência como feijão, mandioca e milho, tudo produzido em quantidade insuficiente devido às irregularidades das chuvas e a falta de apoio político na criação e no incentivo de projetos agrícolas. O município não tem fonte de emprego. Por isso, em algumas épocas do ano muitas pessoas deixam as suas casas e vão trabalhar nas fazendas aos arredores se submetendo a muitas dificuldades. Os empregadores são fazendeiros que se apoderaram das terras dos pobres para plantar algodão e criar animais de grande porte, mas residem fora do Município.

A cidade é conhecida pela rica produção de algodão e gado gordo, mas é altamente empobrecida, os seus moradores não usufruem dessa fartura, nem mesmo dos benefícios dos impostos que são efetuados noutro município. Vivem em situação de miséria.



Em consequência das grandes dificuldades que a região tem passado as irregularidades das chuvas, o uso indiscriminado dos agrotóxicos e o desmatamento, a terra ficou improdutiva, provocando o êxodo rural. O alto índice de desemprego força a juventude a buscar os grandes centros como São Paulo, Minas Gerais, Goiânia e outros, em busca de sobrevivência, trabalhando em plantações, carvoeiras e corte de cana. Por esta razão a população jovem está bem reduzida em Luiú, perfazendo um total de 3.009 de 15 a 29 anos. Somente 616 foram matriculados no ensino médio. É crescente o número dos jovens e das jovens que se voltam para o uso de álcool, drogas, prostituição e gravidez na adolescência<sup>1</sup>.

Esta monografia quer investigar o jovem do campo (histórias, falas, entrelinhas, comportamento, etc.) no mundo contemporâneo, a partir de sua trajetória de migração para a cidade, observando sua intervenção social no município de Luiú.

Há uma necessidade de conhecer a juventude do campo e seus processos de migração para a cidade, pois existem poucos dados que informam sobre a firmação de vínculos voltados para a inclusão e a vida pessoal e social destes jovens, bem como a implementação de políticas públicas ou de serviço (cultural, esportivo, educacional, lazer e vida comunitária).

Por isso, queremos entender o comportamento dos jovens neste chão do sudoeste baiano no que diz respeito à participação e intervenção social. Pretende-se também observar as novas formas de organização e novos espaços a partir do contexto de saída do meio rural para o urbano, verificando quais são os valores que estes assimilam a partir da vivência no meio urbano.

Definido o objeto e o tema, construímos um referencial de análise teórica que imprimisse suporte para a compreensão do mundo juvenil. Optamos por uma breve

---

<sup>1</sup> Dados obtidos segundo IBGE/2010 e rodas de conversa da população de Luiú.

pesquisa de campo que pudesse colaborar para entender os jovens do campo e seus desafios de vivência no meio urbano. Para esta observação foi elaborado um questionário com 20 perguntas voltadas para as questões do êxodo (motivos, adaptação, mudanças, desafios e dificuldades), mas também que espaços estes ocupam ao chegar à cidade (trabalho, amizade, educação, vida social e eclesial).

Nosso propósito em realizar a pesquisa com jovens urbanos provenientes do meio rural nos faz crer que desta maneira poderemos chegar a conclusões de forma mais satisfatória, quando da própria juventude extrairemos informações importantes para o nosso estudo sobre os jovens, especialmente dos que migraram do campo, podendo assim ajudar a entender e analisar melhor suas múltiplas e reais experiências de vida. A pesquisa contou com a participação de 15 jovens, entre 14 e 26 anos de idade, realizada nos 07 bairros do município de Iuiú. O critério de seleção foi tão somente descobrir entre as famílias urbanas onde residiam jovens que vieram do meio rural. Adotamos neste estudo o método quantitativo, por nos parecer mais adequado ao tipo de análise que pretendemos atingir.

A sistematização das respostas do questionário qualifica e ajuda-nos a entender a condição e a situação das juventudes pelas informações que elas nos apresentam. Aliás, o valor maior deste trabalho está pautado nas respostas coletadas dos jovens e das jovens. Nenhum referencial teórico é superior ou mais importante do que a fala juvenil.

Assim, obteremos mais elementos para uma fundamentação das nossas atividades populares junto às juventudes, na perspectiva de instituir mecanismos e recursos (subsídios) eficazes que propiciem o protagonismo juvenil, voltado para a implementação de políticas públicas que respondam às diversas necessidades e interesses juvenis.

Neste caminho foi utilizada a metodologia de leitura e análise de bibliografias especializadas nos temas: juventude, meio rural, urbano e participação social: Jorge Boran, Hilário Dick, João Batista Libanio, Lourival Rodrigues da Silva, Helena Wendel Abramo, Regina Novaes. Também utilizamos coleta de dados por meio de questionário respondido pelos próprios jovens.

A monografia está estruturada em três capítulos. No capítulo primeiro: traz a análise do que se entende por juventude na sociedade contemporânea. No capítulo segundo: apresenta as questões do campo e uma breve análise do contexto do êxodo rural junto à juventude, buscando perceber as novas formas de adaptação. No capítulo terceiro: apresenta os dados coletados na pesquisa com os jovens verificando a sua participação no meio urbano.

Esse trabalho propiciará um maior conhecimento da realidade juvenil, despertando o senso crítico, podendo levar a uma postura política nos grupos de jovens e em outros espaços da vida social num processo de busca de autonomia na superação dos desafios que o sistema social lhes impôs.

# **CAPÍTULO 01**

## **O QUE É SER JOVEM NA CONTEMPORANEIDADE**

Este capítulo irá trabalhar algumas breves concepções do atual mundo contemporâneo e que tem influência sobre o modo de ser jovem hoje. Traz também um segundo tópico que aborda os aspectos conceituais sobre a compreensão da juventude.

### **1.1. ASPECTOS DA CONTEMPORANEIDADE SOBRE A JUVENTUDE**

Por contemporâneo concordamos com a referência ao tempo que se chama hoje, ao tempo em que estamos vivendo. Embora haja discordância por parte de alguns autores quanto à pós-modernidade, trataremos aqui de contemporâneo e pós-modernidade como algo similar. “A vertigem que chamamos de pós-modernidade está associada a um duplo fenômeno: o advento da velocidade e a internacionalização das relações econômicas” (GOMES, 2002, p.1).

Aprofundando essa questão, SILVA diz que essa ideia “defende um processo paradoxal situado entre a degradação das idéias da modernidade e as inovações que estariam em pleno andamento com as novas relações pessoais, mercadológica, cultural e religiosa (SILVA, 2010, p. 5). Percebe-se realmente uma velocidade incrível com que ocorrem as mudanças (nas relações interpessoais, internacionais,

nos comportamentos, nas trocas de valores). Não satisfeito com a criação da pós-modernidade, GILDDENS repara: “Não basta inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto” (GILDDENS, 1991, p. 11). Para ele não há elementos suficientes para registrar um novo tempo, como marco histórico de uma sociedade. Ele percebe dado que configuram a modernidade se radicalizando. E essa radicalização tem por base o declínio da hegemonia européia, que oportunizou que outras regiões do mundo detivessem o poder de se auto-reger. O que nos leva a entender melhor a pós-modernidade é que ela é feita de desencantos. É como se de repente o mundo tivesse desmoronado para esta geração.

Estes breves aspectos aqui abordados nos remetem à fala e compreensão da juventude dentro do contexto contemporâneo, em que se subentende que a esta geração se apresenta a possibilidade de ter tudo aos seus pés, com as facilidades que outras gerações desconhecera, mas são incapazes de se entusiasmar, se encantar e ser feliz com o que as tecnologias lhes proporcionam. Novaes afirma que existem elementos sociais que forçam práticas de consumo, mas existem também outras saídas: “Assim como existem condicionantes sociais que provocam a total adesão à sociedade de consumo, existem outros que impulsionam a busca de novas alternativas” (NOVAES, 2007). Para além dos condicionantes sociais que levam os jovens a se sentirem limitados, há ilimitadas astúcias juvenis, que não permitem retroceder, quando desafiados. Os jovens, críticos e criativos, perseguem seus ideais pelo caminho da resistência.

“Medos e sentimentos de insegurança e desconexão desfavorecem a sociabilidade contemporânea e impõem limitações econômicas aos jovens, mas existe também uma série de sentimentos e predisposições simbólicas que impulsionam aversão, evidenciam potencialidades e possibilidades de invenções sociais historicamente inéditas” (Ibidem).

A degradação das idéias da modernidade e a adesão desenfreada ao consumo, junto às relações comercializadas, podem não ser o fim. Acredita-se que a juventude possa fazer ressurgir das cinzas a esperança de resistências reflexivas, estabelecendo o novo. “Na falta de consenso sobre o que está acontecendo com a modernidade e a pós-modernidade, ou modernidade tardia, alguns autores preferem determinar esse momento de “a nova cultura”. Convicto dessa demanda nova, o autor continua: “o certo é que é preciso considerar que estas questões que fazem parte do dia-a-dia são fruto da ampliação sofrida pelo mundo, agora entendida globalmente” (SILVA, 2010, p. 6). Silva firma-se na ideia de que não se pode ignorar a realidade que está posta, independente do título que se lhe aplique. Na leitura de Libânio esse tempo para o jovem é marcado por expressões que retratam triunfo e prazer.

“Na pós-modernidade, há um jovem que une a sensação de triunfo da modernidade avançada e o desejo de fruição da vida. Vê o mundo como um gigante vídeo-game colorido. Está sempre ansioso por ganhar. Não sabe perder. Nasceu para triunfar” (LIBÂNIO, 2004, p.103).

Na fala de Libânio, o jovem contemporâneo incorpora o mocinho do mundo virtual, que nasceu para ganhar. Confunde sua realidade com o que fantasia. Libânio trabalha a ideia de negação do tempo aplicando um atributo específico do jovem hoje, bem mais acentuado: “presentismo.” A pós-modernidade é a negação do tempo por causa da concentração no presente. O presentismo consome as energias criativas do jovem pós-moderno. Perde-se a noção de passado e de futuro. “Não existe história” (LIBÂNIO, 2004, p.109).

O jovem que vive bem o seu presente constrói o seu futuro e enobrece o seu passado. “A juventude pós-moderna estabelece o dogma principal do prazer em

torno do qual erige os cultos, os ritos, os símbolos. E busca um prazer em curto prazo, imediato, presente” (LIBÂNIO, 2004, p. 104).

O amadurecimento e a consistência dos fatos e da própria vida exigem tempo e paciência para se fazer a história, consolidar as coisas, firmar e confirmar os fatos e construir os sentimentos e a vida.

## **1.2. O QUE SE ENTENDE POR JUVENTUDE**

Este tópico quer reunir diferentes conceitos sobre o jovem com o propósito de ampliar as abordagens sobre essa categoria interpretada por alguns como encantadora, complexa e, por outros temida, na atual sociedade.

A juventude carrega consigo as diversas influências do meio em que vive. Há informações de alguns autores que já existem 44 formas diferentes de se entender as juventudes. Não se pretende aqui, esgotá-las, nem tão pouco superá-las, far-se-á somente breves pinceladas, com o intuito de ilustrar a variedade. É oportuno salientar que frente à sua complexidade e pluralidade convencionou-se empregar o termo “juventudes”. Nesta terminologia segue inclusa a ideia de diversidade e peculiaridade, devido ao contexto sócio-político-cultural e religioso onde se insere. Como diz Lourival Rodrigues da Silva (2010, p. 19) “os jovens contemporâneos estão vivendo na crista da onda por causa da grande quantidade de jovens no Brasil”.

Falar em juventude é falar de um misto de novidade, movimento, teimosia potencial, resistência, construção, crise, fragilidade, protagonismo, inquietude, transitoriedade, alegria, festa, instabilidade, enfim, juventude inspira infínitos conceitos, justamente pelo dinamismo de sua construção.

“As sociedades sempre construíram a juventude como um fato social intrinsecamente instável. Situa-se entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquela idade de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder” (DICK, 2003, p.24).

Citando outros autores, Dick sabiamente defende que a juventude “é uma época da vida que não pode ser delimitada com clareza”, (Ibidem). Conceituando juventude pelo viés sociológico, SILVA (2010, p.16) afirma que “é necessário entendê-la dentro de um contexto no qual o jovem está inserido. É preciso considerar que nem todos passam pelas mesmas experimentações da realidade. Há diferenciações que interferem no seu modo de se situar e de se comportar”.

Tratando a juventude sob o ponto de vista de uma fase delicada, transitória, e ao mesmo tempo, rica em virtudes, DICK, parafraseando outros autores afirma que “[...] é precisamente sua natureza fugidia que carregada de significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidade e de fragilidade essa construção cultural a qual, em todas as sociedades, é objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e plena de expectativas” (DICK, 2002, p. 24).

Há que se levar em conta as dificuldades de adaptação à nova fase da vida, “em que a pessoa é portadora de força renovadora que motiva a construir novidades e enfrentar desafios” (SILVA, 2010, p.15 *apud* FORACCHI).

A CNBB olha para a juventude, como quem vive uma etapa da vida privilegiada, com um perfil pleno de capacidades para superar desafios e transformar realidades, por isso assegura:

“A juventude é a fase do ciclo de vida em que se concentram os maiores problemas e desafios” (CNBB 85, p. 23) “e é nessa etapa que se processa a passagem da condição de dependência que os jovens têm em relação à sua família original, para que tenham autonomia. É quando a “pessoa torna-



se capaz de produzir (trabalhar), reproduzir-se (ter filhos e criá-los), manter-se e promover-se a outros, participar plenamente da vida social com direitos e responsabilidades” (JUVENTUDE, 2004, p. 10).

À exceção de poucos casos, é socialmente evidente que as opções e definições de vida, de trabalho enquanto profissão, de estudos, de relacionamentos, de independência, de vocação, de elaboração de projetos de vida, sempre advém durante a juventude.

O Documento de Aparecida também dedica especial atenção aos jovens e adolescentes, grande contingente na América do Sul e Caribe. Enquanto podem ser presas fáceis de falsos líderes, jovens e adolescentes podem igualmente contrapor-se às fantasias de felicidades e de qualquer prejuízo vital, pois temem uma vida sem sentido e são generosos em dar sentido à vida de muitos. “Os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe. Têm capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência” (DOC. APARECIDA, 2007, p. 198). No documento 85 a CNBB evidencia que acreditar na juventude é crer que ela é capaz de vencer os obstáculos que se lhes apresentam já que vive uma “fase de maior energia criatividade, generosidade e potencial para o engajamento”. (CNBB, 2007, p. 23). Assim, vislumbramos juventude como um grupo constituído, munido de interesses comuns, capazes de se organizarem para romper os estorvos e gestar a novidade na sociedade, na Igreja e no mundo.

O debate e as produções científicas sobre juventude emergiram recentemente, mas estão muito evidentes e “tem sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano” (ABRAMO, 2005, p. 37). Na tentativa de elaborar uma síntese histórico-cultural, revelando a especificidade da

juventude e concebendo-a distinta das demais idades, Dick recorre a Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, para assegurar que: “Como as demais épocas da vida, a juventude é uma construção social e cultural” (DICK, 2003, p. 24). Numa simultaneidade de pensamento, ainda que involuntário ARIÈS completa a síntese corroborando deste modo: “cada época privilegia uma idade específica e essas predileções revelam a reação da sociedade com a duração da vida. Se a juventude era o destaque do século XVII, a infância era no século XIX, é a adolescência no século XX” (DICK, 2003, p. 23 apud ARIÈS, 1986). Séculos depois, num novo milênio, focamos novamente a juventude num outro contexto, com uma nova conotação.

“A percepção de juventude para além da adolescência em risco, numa direção, e para além dos setores de classe média, em outra direção, é mais recente, emergindo com mais força, de uns dez anos para cá. Em certa medida, como ampliação da preocupação vigente com a adolescência, na “descoberta” de que os problemas de vulnerabilidade e risco não terminam aos 18 anos, mas muitas vezes se intensificam a partir daí” (ABRAMO, 2005, p. 39).

Elencando os elementos necessários para o conhecimento da realidade dos jovens como condição prévia para evangelizá-los, a CNBB conclui que:

“É necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações da juventude hoje e a dificuldade de delinear um único perfil da mesma, no mundo e no Brasil” (DOC. CNBB 85, 2007, p. 15). É por essa razão que se originou o termo “juventudes”.

Com um olhar muito atento, muito crítico e pertinente, SILVA revela:

“Todos estão atentos ao tema: Estado, sociedade, universidades, ONGs, partidos, igrejas, etc. são diversos interesses: medo da violência, necessidade de controle, necessidade de consumidores para o mercado, entender o comportamento, tê-los/as como aliados ideológicos, pesquisar por estar na moda... Estes interesses às vezes vêm carregados de um discurso ilusório de inclusão, consumo e diferenças” (SILVA, 2010, p. 19).

Por trás deste arsenal de interesses, pode haver um risco tendencioso a transformar o “mocinho” em vítima e vilão, do que em protagonista.

Para tratar sobre a questão em pauta, observamos que “cada disciplina das ciências humanas, faz um tipo de recorte” (RETRATOS DA JUVENTUDE, p. 38). Esse recorte revela o diferencial de cada abordagem, compondo um tom holístico. “Muitos autores se recusam a conceituar juventude a partir do recorte etário, e preferem falar a partir dos aspectos sociológicos e econômicos,” (SILVA, 2010 p. 16), sendo também pertinente para aprofundar a demanda, nestes setores. Do ponto de vista do recorte da idade, o documento da CNBB (CNBB 85, p. 25) esclarece:

“Para caracterizar a juventude, as estatísticas brasileiras geralmente seguem os parâmetros de organismos internacionais, considerando o grupo etário de 15 a 24 anos, somam 34 milhões de pessoas em 2000, o que representa 20% da população brasileira. Se acrescentarmos a esse contingente os indivíduos de 25 a 29 anos, em geral designados pelos demógrafos de “jovens adultos”, teríamos um total de 47 milhões”. Contudo, é importante lembrar que “esses limites de idades não são fixos. Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo” (NOVAES, 2002, p. 121).

Profira-se de passagem daqueles que começam a trabalhar ou constituir família precocemente. Silva faz uma leitura sociológica e chama atenção para o desafio que os jovens enfrentam com a inclusão social.

[...] “os jovens enfrentam o desafio de se adaptarem a um mundo totalmente diferente do que haviam enfrentado até então na infância. Veem-se obrigados a uma inserção social complexa, que lhes traz novas significações e questões para as quais os jovens ainda não têm respostas integralmente formuladas.” Segue Silva, assegurando que sua inserção está pautada na assimilação por meio do experimento. “Sua identidade social ainda está em conformação. As preocupações estão voltadas mais para a experimentação intensa em diferentes esferas que se apresentam em seu horizonte” (SILVA, 2010, p. 15).

O meio em que o jovem vive é altamente importante porque determina a qualidade dos experimentos que o jovem extrai no seu processo de formação identitária e inserção social.

Analisando a juventude sob o aspecto econômico, Silva alega que seu protagonismo está associado à produção. “Ela se tornou um ator social, político diferenciado, porém sem poderes para influenciar processos de transformação social. Ela só passa a ser considerada a partir da ótica do lugar da produção, onde ela está presente, mas não tem voz ativa, de decisão” (SILVA 2010, p. 18). A urbanização e a produção são responsáveis pelo lançamento da juventude à sociedade, como elemento novo, capaz de consumir e influenciar o consumo de diferentes produtos. Nesta perspectiva, é pertinente o seguinte comentário de Novaes: o “aumento da expectativa de vida e as mudanças no mercado de trabalho permitem que parte deles possa alargar o chamado tempo da juventude até os 29 anos” (NOVAES, 2002, p 121).

Recorremos a ABRAMO que pontua os paradigmas que transpõem as definições de juventude.

“As definições de juventude, ao longo da história, foram marcadas pelos paradigmas da forma de atuar com os jovens: muitos entendendo a juventude como período preparatório (escola); outros olhando a juventude como etapa problemática (conflitos, contenção): uns terceiros vendo a juventude como ator estratégico do desenvolvimento e um potencial que poderia ser amadurecido através de programas e projetos; e ainda, juventude cidadã encarada como sujeito de direitos que caminha para a autonomia” (ABRAMO, 2005 p. 20).

Neste composto de preciosidades que as juventudes transportam consigo são capazes de fazerem festa em qualquer situação e lutarem pelos seus direitos

transbordando alegria, ousadia e criatividade. Suas iniciativas geram esperança atuante, revitalizam a vida e nutre o sonho de um novo mundo possível.

Há certa dificuldade de definição da categoria juventude, na sociedade contemporânea, devido à imprecisão da idade, (quando se é e deixa de ser jovem), ao lugar que ocupa na sociedade, o que faz e como vive.

“A noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modifica-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas” (ABRAMO, 1994, p. 1).

Pode-se ater, ainda, ao tema em questão, pensando a partir dos aspectos etários e biológicos, “sendo dimensões que constituem uma espécie de parâmetro para a sociedade delimitar esta etapa, organizando assim a vida social” (FIGUEIREDO, 2008, p. 22). Também se pode extrapolar dessas dimensões etárias e biológicas, para compreender que a juventude se determina a partir da sua prática de vida e pela cor que a sociedade a pinta:

“A juventude é uma construção social. Uma minoria absorve o poder, a riqueza. A maioria encontra-se numa situação de marginalização e subordinação, tanto por causa da idade, quanto de sua classe popular, sexo e de outras limitações. A sociedade marca, portanto, os jovens com suas características econômicas, políticas e, sobretudo, culturais. E o jovem assimila esses elementos numa relação interativa” (LIBÂNIO, 2004, p. 42).

No século XX o ciclo da vida evidente foi a juventude. Nesse período, a juventude passa a ser entendida como categoria social. Os vários grupos sociais a percebem assim. É um grupo que passa a ter visibilidade social e se destaca, às vezes até pela mobilidade. O termo juventude ajuda a gente a conhecer a sociedade, porque a juventude é produto dela. Todo o peso que a sociedade recebe,

vai aparecer mais intensamente no jovem: preconceitos, desemprego, saúde, violência. O jovem é o tempo de todas suas primeiras vezes: primeiro beijo, primeiro namoro, primeiro emprego...

### **1.3. CONTEXTOS QUE INTERFEREM NO MODO DE SER JOVEM**

Nas marcas de marginalização, da libertação, da utopia ou de outros parâmetros, a juventude é a cara da sociedade. A diferença está na forma ousada, teimosa, transparente, rebelde ou corajosa como a juventude se manifesta. Alguém já disse que “A juventude contemporânea é a primeira geração pronta para viver sem culpa. Ela não quer romper com nada nem criar novos padrões”. É o retrato de uma juventude da subjetividade, voltada para suas necessidades pessoais, bem-estar e imagem. Também este estilo, reflete o sentir social.

“Em se tratando de um país como o Brasil, onde as desigualdades sociais são fortemente sentidas, seus impactos constituem-se em um marco significativo. Abordar a juventude significa pensá-la como fazendo parte deste contexto, em que jovens se colocam em diferentes situações e forças. Em se tratando de jovens pobres, seu perfil e seu modo de viver se acentuam ainda mais, tamanha a sua restrição a possibilidades e acessos a diferentes aspectos. Sendo o meio rural, onde geograficamente se percebe mais nitidamente uma pauperização dos jovens. Pois, a juventude do meio rural é submetida a uma condição de inferioridade ainda maior, além de ser na sua maioria absoluta, pobre, em termos econômicos, sofrendo por conta do abandono, ausência de políticas adequadas e desprovidas do patrimônio social, cultural, econômico, devido à própria questão estrutural do homem do campo em relação ao meio urbano” (FIGUEIREDO, 2008, p. 24).

Essas condições de desigualdades e abandono com ausência de políticas públicas desmotivam os jovens a continuarem no meio rural, resultando no inchaço das cidades, que muitas vezes perpetua a mesma realidade sofrida.

”Os critérios para se definir o que vem a ser um jovem rural é um tanto complexo, pois a questão da representação ou auto-representação do universo rural para os jovens, não se limitam a uma faixa etária específica, sendo “elásticos”. Assim, a entrada no mundo do trabalho pode ser um destes critérios. E se o casamento sinaliza uma espécie de ingresso na vida adulta, por outro lado, o estado de solteiro deve ser sinônimo de juventude” (FIGUEIREDO, 2008, p. 22).

A complexidade para definir juventude começa no próprio jovem, que intercala uma etapa igualmente confusa: a adolescência. Em geral, como diz Libânio, “segmentos de adolescentes, que deixam o campo para as cidades, assumem verdadeira vida adulta com respeito ao trabalho, à habitação e à atividade sexual, enquanto outros adultos de classe média vivem confinados nas casas paternas, prolongando os estudos e adiando casamento, trabalho autônomo, moradia fora de casa” (LIBÂNIO, 2004, p.37).

Essa ideia do prolongamento da vida juvenil é uma questão recorrente em nossa realidade. Muitos encurtam a infância, antecipam a vida adulta quando começam a trabalhar e constituir famílias muito cedo. Por outro lado, há que se vê o que é próprio do jovem, para se sentir bem nesta fase, assumindo o que faz e o que é determinação da sociedade.

“Sociólogos do mundo urbano alertam para o fato de que a cidade se tem tornado o “lugar regulador” da cultura rural. É foco irradiador de modernidade cultural. Destarte esse jovem popular, intocado pela modernidade tende a desaparecer rapidamente. O campo passa por célebre evolução. À medida que a mídia o atinge com as novelas, programas de auditório e outras fontes irradiadoras de modernidade, de costumes, de mentalidade e de vida, ele se moderniza” (LIBÂNIO, 2004, p.45).

Sabe-se, contudo, que há jovens que ainda não penetraram na modernidade, seja por questões geográficas, lugares isolados, pobreza, cultura ou outras situações e realidades ainda não urbanizadas. Para a sociedade pós-moderna, certamente essas espécies são cartas fora do baralho. Por outro lado existem

muitos outros jovens que fazem parte do jogo social, como vítimas da exclusão: do trabalho, moradia, lazer, estudo e se transformam em presas fáceis do crime, da droga e da violência.

“Somam-se nos jovens excluídos dois fatores. A dose normal da pulsão de agressividade da idade e o sentimento frustrante de rejeição por parte da sociedade. E vêm com olhos de raiva que a outros toca destino melhor. Tanta raiva e ódio... termina em morte quando se volta contra o próprio jovem. Destrói-o por causa do excesso de frustrações” (Libânio, 2004, p. 51).

No entanto, tudo que esse jovem busca é reconhecimento e inserção social. Sua atitude ecoa como um grito-alarme: “eu existo”, Em muitos casos, os envolvidos são jovens oriundos do meio rural.

A pós-modernidade apresenta-nos um elemento significativo: o “eu”. As academias perfilham inúmeras discussões teóricas concernentes à pós-modernidade. Nenhuma, no entanto, conseguiu preencher as lacunas que a novidade da matéria sugere na sua amplitude e complexidade. Quanto mais se descobre, tanto mais se busca. Novas respostas e, novamente, novas questões atuam no cenário dinâmico do cotidiano contemporâneo. Também a juventude surge de forma nova. Evidenciar o novo é aludir ao velho. Nesta comparação, não se pretende tecer julgamentos ou atribuir um juízo de valor, enaltecendo um em detrimento do outro. Quer-se somente elucidar o diferencial. Quem hoje se sente integrante da retaguarda, lembra do ideal coletivo e do sonho revolucionário? Também a vanguarda sonha com a paz para o mundo, mas há um diferencial, o ideal é individualista, está voltado pra o seu bem-estar, para o gozo da vida e corre atrás de tudo que lhe apraz. Permuta-se a coragem e o risco de se doar pelo coletivo, de projetar o futuro pelas conveniências prazerosas do “EU” no aqui e agora...



Parafraseando PAUL HASARD, que narra a passagem do século XVII para o século XVIII, expondo como as pessoas mudaram rápido, a forma de pensar, LIBÂNIO equipara com o século XXI, na revolução da pós-modernidade quando “proclama-se o tempo do ‘EU’ e do intimismo. Substituem-se os livros de cabeceira. Os jovens de 1968 liam o Diário de Che Guevara e a geração pós-moderna lê O diário de um Mago de Paulo Coelho: eis a pós-modernidade. O tempo das leituras é substituído por horas de academia com malhações e outros cultivos corporais”, (LIBÂNIO,2004, p. 106, apud PAUL HASARD). O que há de mais sagrado para o jovem contemporâneo é voltar-se para os cuidados de beleza, da imagem, corpo escultural, *percing*, tatuado, estar na onda da moda, ter sucesso, sem alusão à vida coletiva, a não ser que lhe seja benéfico. LIBÂNIO põe em cheque a questão da degradação e da autenticidade existencial, tão presente na juventude.

”Por trás de uma degradação existencial que lhes reduz a capacidade de maravilhar-se, de entusiasmar-se, de distinguir o importante do que não é, de gozar intensamente, de realizar experiências que revelam sentido novo. Sofrem da incapacidade de provar sentimentos fundamentais de autenticidade existencial” (LIBÂNIO, 2004, p. 111).

A crise existencial na pós-modernidade vem aliada ao efêmero e superficial, devastando a beleza e o prazer do âmago e suscitando uma contradição interior, de teor amargo. Também a sociedade se pergunta: por que o jovem consagra tantos cuidados a si e vulgariza a vida ao mesmo tempo? Por que hora se sentem tão magníficos e logo mais tão ineficazes, inúteis?

“Provam com frequência um sentimento de impotência, de incapacidade de prover, de valorizar, de projetar o futuro, de modificar o ambiente e o mundo social pelo empenho. Possuem percepção precária do tempo histórico, coletivo. Polarizam-se no presente. O passado não lhes ressoa. O futuro vislumbra-se-lhes incerto, de expectativas reduzidas. Sobra-lhes o presente, mas pobre de significado, opaco, inconsistente, indiferente em face dos valores últimos que o transcendem” (LIBÂNIO, 2004, p. 111).

A vida de muitos pós-modernos, no cerne da sua própria existência, está fadada a “viver sem vida” no mais profundo que o termo impregna e que a vida mesma supõe como dom, obra singular do Criador. É como se olhassem e não vissem, tocassem e não sentissem tudo o que há em torno de si.

Libânio alerta para a necessidade que se criou de uma nova postura egocêntrica, maquinal capaz de imprimir radicais mudanças contemporâneas. “Caminhamos para o novo individualismo eletrônico. Algo diferente. As pessoas existem intermediadas pelos instrumentos tecnológicos. Até aquele eu realmente forjado na luta, no esforço e no trabalho é dispensado, existe um eu absolutamente virtual” (LIBÂNIO, 2004, p.152). O mundo da velocidade e da invenção, da robótica, do descartável e da novidade, ousa instituir um novo elemento de imagem agradável, algo diferente para substituir o ser humano. Na pós-modernidade tudo que é antigo, soa mal, ultrapassado.

## **CAPÍTULO 02**

### **JOVENS: DO CAMPO PARA CIDADE**

Este capítulo vai abordar as questões do meio rural e como este marca o modo de ser jovem no atual contexto. Será destacado também os aspectos que desafiam a vida juvenil e que provoca a migração para o chamado espaço urbano.

#### **2.1. OS JOVENS NO CAMPO**

Jovens rurais são entendidos como aqueles que moram no campo que herdaram um modo específico de vida, voltado para o cultivo da terra, base principal da composição das famílias e das chamadas comunidades rurais.

A mudança mais marcante no mundo na América Latina é a mudança da cultura rural para a cultura urbana. Jovens e adolescentes empobrecidos sentem-se ameaçados pela exclusão e pelo roubo provocado pela ganância do lucro e da concentração da terra; são culturalmente influenciados pela mídia e pelo meio geográfico onde vivem. Marcados pela forma como o mundo pós-moderno os trata por serem da roça, começam por absorver a ideologia da cultura urbana e a ela se entregam até partirem para a cidade. Situação similar ocorre com os jovens dos

assentamentos, acampamentos, jovens das áreas de barragens e dos projetos de irrigação.

A Secretaria Nacional de Juventude em seus documentos de preparação da Primeira Conferência de Políticas Públicas de Juventude divulgou que “há hoje no Brasil 50,5 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 29 anos. Sendo que 14,6 milhões moram em regiões metropolitanas e 7,8 mil vivem em regiões rurais” (SILVA, 2010, p. 19). O autor continua esclarecendo que “no contorno urbano vamos encontrar os jovens das zonas rurais, quilombolas, ribeirinhos, indígenas, ciganos e ciganas, também identificadas hoje como comunidades tradicionais”.

Essa população juvenil recebe essa identificação, porque não se adaptou ao jeito urbano e não quis perder seu jeito clássico de viver. Mas, por trás desse nome “comunidades tradicionais” existirão sempre o estigma do preconceito, por uma ou outra razão. Pode ser pela forma de falar, de se vestir, de conviver entre os seus pares, ou mesmo por questões econômicas inferiores. Vivem na cidade como viviam no meio rural. “Discutir as novas demandas rurais é antes de tudo reconhecer as mudanças ocorridas nos anos 90 do século passado” (FIGUEIREDO, 2008, p.23 apud GOMES, 2001). A referida autora acena para essa nova configuração que passa a ser definida como o ‘novo rural’. Figueiredo, inspirado em Gomes comenta que “assim, começa a exigir um maior esforço reflexivo daqueles que se debruçam sobre as questões relativas ao modo de vida das populações rurais, na busca de desvendar e teorizar sobre a presença marcante de fenômenos, ações, processos e atores sociais novos ou revigorados que dão novos contornos a esse mundo rural” (Ibidem). Os experimentos triviais repetidos no cotidiano requerem novos significados e se transformam na história.

Os jovens rurais enfrentam o rótulo social, as dificuldades que permeiam o acesso à educação e ao trabalho e o dilema entre a luta pela terra e a migração para as cidades. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio- (PNAD, 2004) ressalta que minoria rural não significa pequeno contingente.

“Os que são identificados como juventudes rurais, são percebidas como uma população específica, uma minoria jovem do País. Com efeito se formos tratar o tema exclusivamente a partir de dados oficiais de população, temos 49 milhões de jovens de 15 a 29 anos que representam 27% do total, sendo que 4,5% desta população vive no meio rural, totalizando 08 milhões de jovens rurais. Mesmo apresentados como minoria, não se trata de um contingente pequeno. No entanto, o debate deve considerar juventude não exclusivamente como uma população específica, mas sobretudo, a partir dos processos de interação social e as configurações em que está imersa” (CASTRO, 2007, p. 57).

Esse contingente rural é esquecido pelas políticas públicas e enfrenta inúmeros problemas, desafios, dificuldades, exclusões e preconceitos por causa da aparência, roupas, cabelos, distância dos estabelecimentos públicos de educação. Aos que conseguem continuar os estudos, existem condições precárias de transportes, dificuldades para concursos, além de carregarem o estigma de não terem boas condições de vida e cultura, por morarem na roça.

A cicatriz “que marca quem mora nessas áreas está presente em situações cotidianas nos núcleos urbanos próximos por onde circulam, e é manifestado por denominações como ‘morar mal’, para quem é morador de áreas associadas ao meio rural, em oposição a “morar bem”, para quem reside nos centros urbanos” (Ibidem). Muitos jovens estudam na cidade, bebem de sua cultura, moram geograficamente próximo, mas o estigma está longe de esvaecer.

“Portanto, a percepção de que a saída de jovens do campo seria consequência do desinteresse dos jovens pelo meio rural, tem que ser analisada à luz desses fatores “objetivos” e “subjetivos” que tornam o querer

ficar no campo mais que um desejo, uma luta cotidiana dos jovens e dos seus familiares” (CASTRO, 2007, p. 59).

Tem-se percebido uma saída significativa dos jovens do meio rural, marcada pela distância entre o sonho e a conquista da sua terra, pelo fator de reforma agrária. Outro fator determinante do êxodo juvenil é a figura paterna que controla e determina o que e como produzir no lote. O jovem não pode opinar. A natureza jovem possui muita energia, sonhos, vontade de mudanças e o desejo de construir seu mundo. Ao internalizar sentimentos de inferioridade, perde o que é uma das suas maiores qualidades: a criatividade. Com ela vão-se os sonhos.

A juventude rural também acompanha a mudança rápida na sociedade contemporânea. Percebe o pluralismo de opções na cidade em detrimento do campo. Pensa o futuro, longe das possibilidades de crescer, nos padrões rurais. A mudança é essencial para a sobrevivência. O destino é o espaço urbano.

## **2.2. COMPORTAMENTO DOS JOVENS DO CAMPO NA CIDADE**

Os jovens rurais espalhados pelo Brasil afora, são comumente estimulados pela falta de oportunidades e principalmente pela mídia, a trocar o campo pela cidade, como solução para sua vida.

A contemporaneidade fez surgir “o fenômeno da “megacidade” que é relativamente novo na história humana. No início do século XII a maior cidade no ocidente era Londres com menos de um milhão de habitantes. segundo Jorge Boran é na cidade que a cultura contemporânea tem maior penetração” (BORAN, 2001, p.94).

Para tratar da presença da juventude na cidade é preciso considerar os vários recortes que vão determinar seu espaço e a identificação de tal segmento. Na

verdade a situação juvenil é quem determina o jeito de viver do ciclo de vida chamada juventude, a partir de suas várias faces. Assim como a condição juvenil não é vivida de forma igual, também seu conceito, sua definição varia de sociedade para sociedade, conforme sua cultura e seus interesses. A faixa etária, portanto não é um fator determinante da definição de juventude.

Ao mesmo tempo em que percebemos complexos os critérios para se definir o que é ser um jovem rural, percebemos evidentes as múltiplas diferenças ao viver a condição juvenil. “A condição juvenil é vivida de forma desigual e distinta em função da origem social, dos níveis de renda, das disparidades socioeconômicas entre campo e cidade, entre regiões do mesmo país, entre países, entre continentes, hemisférios” (NOVAES, 2007, p. 8). Nas diferenciações traçadas a cerca do jovem, se constata o seguinte: se comparado o jovem rural com o urbano, numa disputa por emprego, como exemplo, os preconceitos vão eliminando por chavões: primeiro, o jovem rural depois, o da periferia, ficando com o emprego o jovem do centro da cidade. Por isso, se aplica endereços falsos para não se implicar em perdas de oportunidade de trabalho, educação, lazer, etc. Pode ser que pela mesma razão uma de nossas jovens pesquisadas, ousou não identificar seu endereço.

Regina Novaes elenca outros fatores que ampliam a percepção das desigualdades sociais:

“Além disso, a vivência da condição juvenil é também diferenciada em função de desigualdades de gênero, de preconceitos e discriminações que atingem diversas etnias. Mas isso ainda não é tudo. Os jovens de hoje também se diferenciam em termos de orientação sexual, gosto musical pertencimentos associativos, religiosos, políticos, de galeras, de turmas, de grupos e de torcidas organizadas. Estes demarcadores de identidades podem aproximar jovens socialmente separados ou separar jovens socialmente próximos” (NOVAES, 2007, p.8).

Podemos dizer que, quando diferentes grupos juvenis se encontram, podem existir entre eles elementos que os atraem ou repelem devidos determinados preconceitos normatizados que lhes provocam vulnerabilidades.

Regina Novaes, explica o que há de comum entre jovens de épocas diferentes, partindo da dimensão biológica.

“Os hormônios, a adrenalina, o corpo jovem, favorece a predisposição para a aventura e as representações de força e vitalidade motivando a ousadia de arriscadas práticas juvenis. Mas, para além do aspecto biológico e apesar dos abismos sociais existentes por serem jovem em um mesmo tempo histórico, é viver uma experiência geracional comum” (Ibidem).

Isso é imperativo. Rompe todas as barreiras, inclusive os entraves entre rural e urbano, para além da velocidade.

A urbanização tem sido muito rápida no Brasil. “A população urbana que não atingiu 35% do total de 1950, está hoje próxima dos 75%” (JORGE BORAN, 2001, p. 95). Nas cidades, a cultura moderna e a pobreza convivem. O Banco Mundial afirma que a miséria urbana será o problema econômico e político “mais explosivo do próximo século” especialmente nos países de terceiro mundo. Na cidade de São Paulo, por exemplo, um milhão vive em favelas e 30% dos habitantes vivem em cortiços” (Ibidem).

Por outro lado, a cidade é uma força positiva na história humana, possibilitando enorme progresso tecnológico e econômico. Nas cidades a população tem acesso a uma grande quantidade de serviços, indisponíveis na zona rural: hospitais, escolas, universidades, lazer, supermercados, teatro, cinema, clube e esportes. Esta mudança afeta, sobretudo os jovens que migram para as cidades à procura de trabalho e estudo. Porém, a vida tem mostrado que esta “sorte” não é para todos que deixam o campo.



Muitos jovens estão deixando seus países, por não verem futuro neles, dando assim, o fenômeno da mobilidade humana e da migração, um rosto juvenil. Também “nesta Diocese (Caetité) a migração está tomando um rosto cada vez mais jovem” (ENFOC<sup>2</sup>, 2008, pág.15).

Um milhão e meio de pessoas migram do campo para a cidade a cada ano. O crescimento desordenado das cidades é causado pela falta de perspectiva de trabalho no meio rural, a concentração de terras nas mãos de poucos e a falta de uma política de reforma agrária por parte do governo.

Dados do CÚFICO (Curso de Formação para Coordenadores) da PJ do Regional Nordeste III Bahia-Sergipe, sediado na Diocese de Caetité, menciona que:

“O aumento da população, as migrações, o processo de urbanização (84,4%), o crescimento das cidades médias e a progressiva redução da natalidade, caracterizaram as mudanças demográficas de nosso país nas últimas décadas que chega a uma população de 162 milhões de habitantes (nos últimos 10 anos entre as mulheres de 15 e 49 anos que vivem em união, a esterilização aumentou 150%-40,1% do total – e o uso de algum método anticoncepcional 100%-36,6% do total). A juventude (de 14-25 anos) constitui 20% da população brasileira, em torno de 32 milhões”.

A cidade é o lugar da cultura moderna. É o lugar das comparações, da pluralidade de idéias, de posturas variadas, nos diversos níveis, de opções, de orientação e ações distintas do meio rural. O futuro do mundo está sendo determinado nas cidades.

### **2.3. DESAFIOS VIVIDOS PELOS JOVENS DA ROÇA NA CIDADE**

Marcado pelos desafios de estudo, melhores condições de vida e pela própria mudança de época e época de mudança, o jovem é levado para a cidade com a

---

<sup>2</sup> Encontro de Formação para Coordenadores da Pastoral de Juventude.

ilusão de melhorar a vida. Quando lá chega, nem todos conseguem realizar seus sonhos e ideais. Nem todos encontram abrigo, apoio e ajuda. Muitos se deparam com uma nova realidade, novas dificuldades e se obrigam a encará-las, muitas vezes tendo que se envolver em situações inesperadas, em caminhos sem volta.

Esta realidade pode ser constatada em dados que falam do crescente número de homicídios na capital baiana, especialmente entre jovens negros, pobres e da periferia. Ampliando nossas lentes para enxergarmos nacionalmente, veremos que os números se avolumam. Segundo Lourival Rodrigues da Silva “63% dos/das jovens que vivem em regiões metropolitanas, tem a violência como maior problema para a juventude. Dos 70% do conjunto de mortes violentas entre os jovens de 15 a 24 anos, 39,2% são causados por acidentes de trânsito e homicídios. A taxa de homicídios entre jovens é duas vezes e meia maior que entre outros segmentos etários. O índice entre jovens vítimas de assassinato cresceu 81,6% nos últimos 22 anos” (SILVA, 2010, p.19 apud UNESCO, 2002). Muitas são as ameaças à vida, e dentre elas se destaca a violência que ceifa numerosas vidas jovens. Tantas mortes deveriam questionar o sistema vigente e a lógica da cultura de “levar vantagens”. Dados do ENFOC (Encontro de Formação para Coordenadores da Pastoral da Juventude) apontam diversos elementos favoráveis à ampliação dessa realidade de violência no Estado da Bahia.

. Há um aumento significativo de motocicletas em nossa região, crescendo o número de acidentes por meio delas:

- Aumenta o número de suicídios entre os jovens;
- Há uso indiscriminado e abusivo da comunicação virtual, pelos jovens;
- Aumenta o número de desempregados e dos que trabalham sem carteira assinada e com remuneração baixa, sobretudo entre mulheres e jovens;

- A situação só não é pior porque melhoram alguns serviços essenciais, que trouxeram expressiva diminuição da mortalidade infantil e do analfabetismo.

Por outro lado, há também os que são ajudados por parentes e amigos na cidade e conseguem se dar bem. Estudam, formam-se, trabalham e trazem a família para junto de si. “Outros, ainda, voltam para o seio da família, no qual se estabelecem, produzindo na própria terra” (ENFOC, 2008 p. 15).

Muitos jovens que assumiam lideranças na comunidade rural (como coordenadores de grupos de jovens, da Igreja, associações, sindicato, etc.) ao saírem do campo, onde tinham práticas religiosas e piedosas, ao chegarem na cidade grande, industrial, perdem os parâmetros religiosos e por vezes, os morais também. Influenciados, pois, sentem-se deslocados, ignorados, quando chegam à cidade. Outros, porém, se afirmam quando se envolvem na comunidade eclesial e social, tornando-se destaque e melhorando a vida em função disso. Outros encontram apoio, são respaldados.

## **CAPÍTULO 03**

### **PARTICIPAÇÃO E VIDA COMUNITÁRIA JUVENIL**

Este capítulo vai abordar como os jovens encontram espaços de participação na cidade, as facilidades e dificuldades descobertas para uma inserção comunitária na vida urbana de jovens provenientes de zona rural.

#### **3.1. IGREJA ESPAÇO DE ACOLHIDA DOS JOVENS DO CAMPO**

A Igreja no Brasil, inspirada nas decisões de Puebla, que fez opção pelos pobres, e movida pela linha de libertação que regia a Igreja na América Latina, na década de 1970, se lança com fervor ao trabalho com a juventude, preparando grande número de jovens para trabalhos comunitários (eclesiais) e sociais incluindo o partido político, sindicatos e até os sem-terra. Muitas experiências diferentes acontecem, inclusive nasce aqui a Pastoral da Juventude. Para Jorge Boran (2001, p. 9) “surgem experiências diferentes a partir dos jovens militantes: organização de favelas, experiências de educação popular...” e ainda afirma categórico, que “em muitos lugares a renovação da Igreja partiu dos próprios jovens” (Jorge Boran, 2001, p.10).

Em nossa pesquisa respondendo ao quesito do envolvimento na Igreja, a maioria – oito – já atuava antes de responder o questionário. Sendo quatro em grupo

de jovens, dois em catequese, um na liturgia. Dos que não atuavam e hoje atuam na Igreja são sete.

Destes, seis estão nos grupos de jovens e um é coordenador da equipe de canto. Grosso modo, constata-se que a Igreja ainda é um espaço para onde convergem estes jovens. Maria Tereza Guimarães justifica que “a eminente adesão do jovem à religião, dentre outros fatores, deve-se à criação da cultura do medo e seus conseqüentes sentimentos de indiferença frente ao sofrimento e a miséria alheia”. Desta forma, conclui Guimarães, “dentre as diferentes formas de viver da juventude, [...] a religião ocupa um espaço significativo na vida juvenil”. Por fim, explica que “o interesse pelos assuntos religiosos e participação nos grupos da Igreja, bem como nas associações e entidades religiosas, destacam-se, mostrando que, nos finais de semana, grande parte da juventude brasileira opta por freqüentar a Igreja” (Guimarães, 2007, p. 64). A autora cita Novaes que comunga dessa vertente assegurando que “a religião compõe o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (GUIMARÃES, 2007, 64. apud NOVAES, 2005, p. 263). A referida autora vai mais além, e alega que “a religião, é elemento importante na composição da vida social contemporânea dos jovens, mas não no sentido unívoco (como fariam supor velhos esquemas interpretativos) de contra corrente da participação política e do ideário republicano” (Ibidem). A religião, portanto, é elemento indispensável, de especial apreço na checagem dos valores da cultura juvenil.

Por falar em cultura, Jorge Boran explica que os poucos resultados obtidos nos trabalhos com juventude e porque não dizer do próprio processo de evangelização maduro, eficaz, deve-se à falta de consideração à questão cultural: “qualquer trabalho de evangelização ou conscientização política que não leve em

conta a questão cultural, tem raízes superficiais e os frutos são derrubados pelos primeiros ventos contrários” (JORGE BORAN, 2001 p.129). A juventude vive sob os impactos da pós-modernidade, que exercem grande influência na mentalidade e no comportamento de forma rápida. Essas mudanças têm que ser levadas em conta, em função do retorno que se espera obter da juventude.

Há, portanto, o desafio de “compreender a dinâmica cultural contemporânea e discernir os valores da modernidade que podem e devem ser acolhidos” (JORGE BORAN, 2001, p. 129). É necessário haver diálogo com os sistemas culturais se, se quer resistir aos ventos contrários, até porque, não se desvincula completamente e imediatamente de um contexto histórico ao se submergir noutro. Vai-se construindo e caminhando lado a lado; da mesma forma, a juventude pós-moderna, ao assimilar novos valores, continua prezando por valores da cultura moderna. “A compreensão da cultura contemporânea é fundamental para entendermos a dificuldade que a Igreja enfrenta em desenvolver um trabalho eficaz com a juventude” (JORGE BORAN, 2001, p. 129). É bem verdade que este momento histórico influencia na inversão de valores, mas é verdade também, que há uma diversidade de experiências novas que os ventos sopram sobre a juventude. Na análise de Jorge Boran, sobre as dificuldades enfrentadas pela PJ repetidamente, destaca as seguintes: “vanguardismo dos líderes jovens, interesse de classe, falta de metodologia, de espiritualidade, de assessores, de acompanhamento sistemático”. Ainda hoje, parte dessas dificuldades é encontrada nas avaliações diocesanas da PJ. Esses fatores são suficientemente fortes para desarticular um grupo e emperrar o processo pastoral.

Ao mesmo tempo, segue Jorge Boran, “é necessário despertar nos jovens a consciência crítica para perceberem as limitações dessa cultura nova que abraçam

com tanto entusiasmo” (JORGE BORAN, 2001, p.132). Ao apresentar uma proposta evangelizadora aos jovens é preciso que seja interessante e provocadora, portanto carece de pessoas com perfil adequado para este trabalho, atualizada e preparada.

“Toda cultura, incluindo a moderna, participa das limitações do seres humanos que a produzem. A mensagem do Evangelho desempenha papel importante no aperfeiçoamento e na purificação dos desvios da cultura moderna, que são obstáculos ao crescimento humano e religioso” (JORGE BORAN, 2001, p.132).

A elaboração e definição de um projeto de vida, inspirado no projeto de vida de Jesus Cristo, é um bom indicativo na formação de consciência crítica e de nova mentalidade.

Assim, abordaremos alguns itens que consideramos relevantes da PJR (Pastoral de Juventude Rural) uma específica, que vem se ajustar com a temática em questão. Segundo o relatório da Assembléia Diocesana de Caetité, no período de 01 a 03/12/06, o Coordenador Estadual da Juventude Rural (Gilmar, da cidade de Monte Santo), pontuou: “A PJR surgiu em 1983 no Sul do Brasil e no NE III. Em 1986, surgiu na Bahia, na cidade de Alagoinhas. Em 1988, houve a articulação da PJR nacional. Em 1991, aconteceu a primeira assembléia nacional. Em 2000, realizou-se o primeiro congresso nacional e em 2006 o segundo. A PJR está presente em 18 estados brasileiros com uma organização própria:

- Coordenação nacional, estadual, diocesana, paroquial, GB (grupo de base), GPRs (grupos de produção e resistência), convivência com o semi-árido;
- Beneficiamento de frutas (umbu, maracujá, caju, manga, acerola);
- Apicultura; Artesanato.

Gilmar, (coordenador estadual da PJR) apontou também, para as

### Linhas de Ação da PJR:

- Trabalho de base (nucleação de novos grupos, consolidação, identidade, clareza política, formação de base, massa, militância;
- Teologia da libertação;
- Identidade;
- Metodologia pastoral, campesinato, política, produção, contribuição, projetos, educação no campo, projeto de campo.
- Há intenso desejo de ampliação da PJR. (Informações obtidas do Relatório da Assembléia Diocesana de PJR em Caetité de 01 a 03/12/06 sob a coordenação do jovem Gilmar).

Jorge Boran traça um esboço das diversas pastorais de juventude e aponta características semelhantes entre a PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular) a PJ (Pastoral da Juventude) e a PJR (Pastoral da Juventude Rural). O autor afirma que se compararem as duas últimas “o que distingue a PJR é a separação territorial em relação aos jovens urbanos e, conseqüentemente, problemática e culturas diferentes”. Falando dessa característica exclusiva, alega que “o projeto de evangelização deve ser resposta a este contexto específico. A PJR está ligada à questão da terra, um dos temas mais importantes da atualidade, tanto do ponto de vista da reforma agrária quanto da ecologia. O projeto de uma sociedade nova passa necessariamente pela questão da terra” (JORGE BORAN, 2001 p. 162).

Uma das maiores dificuldades para a PJR é a formação acadêmica e o mundo do trabalho que arrastam o jovem e demais lideranças para o espaço urbano dificultando a continuidade da conscientização da importância da juventude rural, presente na sua terra para conquistarem seus direitos. Percebe-se uma dificuldade



no trabalho direcionado a essa juventude específica, no sentido de ajudá-la a crescer na auto-estima.

### **3.2. ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS JUVENS**

Há um visível saudosismo da juventude da década de 60 pelo seu jeito de intervir na História da Igreja e da Sociedade. Há quem atribua à juventude atual, certa apatia e antipatia no que tange as questões sociais e eclesiásticas.

Adentrando nesta temática, Jorge Boran aponta que “nas grandes cidades há um esvaziamento cada vez mais acentuado dos grupos de jovens”. E continua exemplificando “em alguns lugares participantes de coordenações diocesanas representam paróquias onde não há grupos. Essas coordenações vêm perdendo seu poder de convocação e mobilização e, como resultado, a credibilidade. Nas periferias onde os jovens – ou pelo menos os pais – são do interior, essa crise é menos acentuada” (Jorge Boran, 2001, p. 96). Esta realidade se opõe aos resultados da nossa pesquisa em Iuiú, pois dos 15 jovens participantes da pesquisa, somente 03 não participam de grupos da Igreja e dos que participam somente 01 não está no grupo de jovens. Assim, podemos constatar que a juventude está de volta, buscando a Igreja como um espaço de participação ou podemos supor que essa prática se aplique às cidades com estilo de vida próximo ao rural, como esclarece o referido autor.

“A Igreja encontra dificuldade para desenvolver estruturas pastorais que respondam à dinâmica da cidade. A paróquia territorial surgiu como resposta pastoral para uma cultura rural. Na cidade a afinidade entre as pessoas não depende tanto da área geográfica em que moram, depende mais da facilidade de condução e contato com as pessoas nas escolas, trabalho e lazer” (Ibidem, p. 96),

Existe uma lacuna na pastoral urbana, explica Boran alegando que “é inviável dar passos que ignorem o que existe em termos de organização pastoral”. Aponta que “as pastorais específicas da juventude são tentativas para responder a este desafio” (Ibidem, p. 96) e em algumas localidades essas tentativas deram certo, pela incidência da participação juvenil, conhecedora das muitas opções do mundo pós-moderno.

“Nas cidades, a Igreja não é mais o único espaço de participação. Segundo Jorge Boran “o jovem tem ‘mil’ outras opções de compromisso sério ou de lazer: militância em partidos políticos, sindicatos, movimento estudantil, movimento popular, bailes, baladas, ‘peladas’ visitas, bares, turmas de bairro, passeio, música, shows, festas, escola, faculdade, curso de aperfeiçoamento, aulas de musculação, inglês, violão” (Jorge Boran, 2001, p. 97). Essa lista, diga-se de passagem, se apropria bem às cidades grandes onde “a maioria dos jovens tem que trabalhar para pagar seus estudos”. Na Igreja, a liderança “tem que ser competente e criativa na proposta que oferece aos jovens”. Segundo o autor, “o jovem não vem para participar de uma pastoral superficial, ou se vem, não fica” (Ibidem, p.97). Jorge Boran segue expondo sobre a multiplicidade de valores como novidade contemporânea e os desafios da mudança provocados pela velocidade.

“A cultura contemporânea oferece aos jovens um pluralismo de valores jamais visto. Este pluralismo da vida contemporânea é algo positivo. Ninguém quer voltar aos tempos em que as pessoas eram queimadas na fogueira porque pensava diferente” (Ibidem, p. 97) e agir diferente. A velocidade das mudanças pode emperrar e dificultar a assimilação de maneira organizada, da quantidade de informações, opções e modelos despejados nos jovens. Segundo Jorge Boran, “a mudança é essencial para a sobrevivência, mas muita mudança deixa as pessoas

sem âncora e a mercê das ondas” (Ibidem) podendo provocar o lado negativo da contemporaneidade; a fragmentação. Jorge Boran ainda adverte que “a construção de uma identidade pessoal é de importância fundamental. E esta identidade depende da capacidade de cada um elaborar seu próprio sistema de valores e significados” (Ibidem) a partir dos relacionamentos, da imagem que tem de si mesmo, do amor que dar e recebe das opções e posicionamentos que toma, do lugar que ocupa no trabalho e na sociedade, pode-se construir uma identidade. O principal ponto de equilíbrio é o amor que deixa de ser conceito tão desgastado, para ser alimento vital e referência de encontro consigo mesmo. Fora disso, o jovem fica exposto às más influências, ao vício, dependente do mundo externo e proibido de sonhar.

### **3.3. A JUVENTUDE IMPRIMINDO MUDANÇAS**

Reconhecemos que é limitado falar da pluralidade juvenil nas suas complexidades, quando a vemos de forma generalizada. Sempre utilizamos o mecanismo da comparação para incluir os jovens próximos de nós, nos dados estatísticos gerais. Na tentativa de contribuir com análises, aproximando a nossa realidade, à pluralidade juvenil, é que nos propusemos aplicar uma pesquisa em jovens urbanos, provenientes do meio rural. Para isso, foi elaborado um questionário com 20 perguntas. A pesquisa foi realizada com 15 jovens, entre 14 e 26 anos de idade, realizada nos 07 bairros do município de Iuiú.

A grande questão motivadora da Pesquisa/Iuiú foi perceber qual espaço que o jovem vai ocupar com sua migração do campo para o mundo urbano. O confronto com a leitura, do conteúdo dos dados coletados definem uma investigação que aponta para alguns aspectos que passamos a discutir.

Interrogados quanto á participação em algum movimento social, encontra-se a seguintes respostas: um respondeu que está na Associação Comunitária, um na Associação Santa Paulina, um na Associação Amigos Solidários; um no Projovem. Dois responderam que participam mas não identificaram em quê participam. Sendo que nove responderam que não atuam em movimentos sociais.

Constatamos, portanto, que a minoria dos jovens envolvidos na pesquisa, participa de grupos ou movimentos sociais. Alargando o nosso olhar para a pluralidade geográfica, percebe-se que estes jovens estão inseridos numa dimensão maior, como se pode conferir no documento da Campanha da Fraternidade: “A maioria dos jovens não participam dos partidos políticos, dos sindicatos, das associações de moradores, dos movimentos populares, da Igreja. No entanto, a maioria das pessoas que participam dessas atividades e das grandes manifestações, é jovem” (CF, 1992). Em nossa pesquisa de campo, dos quinze jovens investigados, seis responderam que atuam em algum movimento social, e nove responderam que não participam.

### **3.4. PARTICIPAÇÃO JUVENIL NA IGREJA**

É notável a redução do número de jovens que participam de instituições tradicionais como partidos políticos se comparado aos anos 60. Hoje a juventude, se ocupa de maneira diferente com fóruns, conselhos, inclusive de grupos distintos para defender uma bandeira que pode ser políticas públicas, liberdade racial, e de gênero, direito à educação e trabalho, etc. Para Renato Souza de Almeida “(...) a luta por reconhecimento é um dos aspectos fundamentais desta geração juvenil” (2010, p. 80). O autor refere-se ao reconhecimento de ser categoria social. A prática dessa geração de forma nova faz repensar a prática tradicional e o próprio conceito

de poder e de política. Os contemporâneos agem pelo prazer de fazer, pelo sentido que dão ao que fazem juntos por uma causa, livres de determinações ou regulamentos. “Por isso, para tratar da participação dos jovens neste início de milênio, não basta isolar a juventude para compreendê-la a partir de suas angústias, medos ou potencialidades, mas entender que os processos culturais nos quais a juventude está inserida e a forma como ela se movimenta nessa inserção são fundamentais” (Ibidem, p.83), para entender que a participação da juventude pode servir como mecanismo indicativo de novos caminhos para a política tradicional pelo viés da cultura.

Adentrando à temática do envolvimento dos jovens na Igreja, a maioria dos participantes da pesquisa, (08) tem envolvimento eclesial. Parte destes (04) já atuava na Igreja nas suas localidades rurais: grupo de jovens (02) catequese (02). Dos que não atuavam antes e hoje atuam na Igreja são (07). Destes (06) estão nos grupos de jovens e (01) é coordenador da equipe de canto.

A maioria destes jovens participa de grupos da Igreja e se destaca o maior número em grupos de jovens. Por que em meios a tantas opções neste mundo globalizado jovens contemporâneos buscam grupos religiosos como resposta aos seus anseios e necessidades? Para SILVA, “na atualidade, a busca pela religião é motivada pela falta, vazio de sentido pelas pessoas na contemporaneidade, despertando nos indivíduos uma grande necessidade de aceitação, reconhecimento e inclusão” (RODRIGUES, 2010, p.97 apud SILVA, 2006). A religião é buscada como um espaço de retomada dos valores adormecidos no decorrer dos tempos; a sensibilidade com o sofrimento de outrem, o senso de companheirismo, a caridade, a solidariedade, etc. Diante do sofrimento e desigualdades sociais as pessoas buscam uma religião que as façam esquecer que fazem parte dessa realidade. Isso

recai com maior influência sobre a juventude, por ser uma esfera que está aprendendo a viver neste mundo formando sua personalidade e fazendo a travessia para a maturidade. É preciso considerar que toda instituição dá à pessoa um mundo por onde se orientar. Outro dado importante é que a religião pode despertar para a participação social e muitos dos jovens que hoje são militantes, devem à Igreja sua trajetória política e mobilização social.

O número expressivo de participação eclesial dos jovens de Iuiú revela que este município “não está fora do que foi observado na pesquisa realizada pelo IBASE, em que os grupos de cunho religioso apresentam o maior índice de participação social” (RODRIGUES, 2010, p.104). Conforme os dados apresentados os jovens estão participando. Por que são tão cobrados? O que acontece mesmo na vida comunitária com a participação dos jovens? Como a sociedade pós-moderna articula e dá espaços para a mobilização das novas gerações? Sobre essas questões Libânio acena para as contradições contemporâneas; “A sociedade pós-moderna sofre de uma contradição. Por um lado desestimula o empenho intelectual, oferecendo as facilidades da informação pela internet e a atração do mundo das imagens. Por outro se avança cada vez mais para uma sociedade do conhecimento, do saber”, (LIBÂNIO, 2004, p. 94). Isso suscita no jovem um desconforto que obscurece suas opções e o delineamento de sua personalidade.

Voltando aos dados da pesquisa/Iuiú destacamos uma das jovens que revela sua trajetória rural e urbana. Lúcia dos Santos. Tem 20 anos de idade. Mora com sua avó e seu tio. Emigrou da roça para cidade alimentada pela esperança de poder trabalhar e estudar. Foi difícil conseguir emprego, mas está trabalhando como doméstica e fazendo o segundo ano do ensino médio. Trabalhar e estudar na cidade foram a mudança da sua vida. Participa de movimento social, (não identificou) e

participa de grupo de jovem (não fica claro se antes da pesquisa já participava da Igreja), e participa da missa. Foi difícil se adaptar na cidade, mas não sente vontade de voltar para o campo. Trabalha sem registro da carteira profissional, não recebe nem o salário mínimo e afirma estar satisfeita com o que recebe de pagamento. Como analisar a trajetória de uma jovem de origem campesina?

Jorge Boran diz que “no meio rural o processo de mudança é mais lento, mas a maioria dos jovens dali é forçada a emigrar para a cidade em busca de emprego e estudo” (JORGE BORAN, 2001, p.77). A contradição traz possibilidades de criar o novo e situações diferentes podem ocorrer. O caso da Lúcia é uma exceção dessa regra referente à lentidão rural. Morar na cidade, trabalhar, estudar, participar de movimento social, do grupo de jovens e das missas é uma mudança de vida radical e uma grande virada da situação vivida anteriormente. Por outro lado, é verdade que como Lúcia a maioria dos jovens rurais são forçados, (pelo abandono da gestão em todas as instâncias, pela falta de políticas públicas e da mínima possibilidade na área da educação, da ocupação produtiva do lazer, saúde e cultura) ao êxodo rural. Jorge Boran justifica que como os jovens “não estão preparados para enfrentar o pluralismo cultural da cidade, perdem o referencial religioso e se afastam de uma opção de fé” (JORGE BORAN, 2001, p 77). Para a jovem Lúcia o pluralismo foi bem assimilado e pelo que aparece na pesquisa, morar na cidade, não prejudicou seu referencial religioso, talvez porque se trate de uma jovem que tem grandes sonhos de futuro, vivendo o máximo e de forma envolvente o seu presente. O meio rural pode ser lento para as mudanças estruturais, mas não controla o mundo interior no direito de sonhar com mais velocidade.

Quanto à prática religiosa da Lúcia, entendemos que não está fora da realidade da juventude brasileira. Os jovens estão buscando nas diversas religiões,

algo que dê sentido ao seu viver. Temos atualmente uma proliferação de religiões. O trânsito religioso que não é de hoje, se intensificou, menos estigmatizados. Existem mecanismos de internalização e representações simbólicas socialmente construídas.

É pura falácia dizer que hoje existe religião pura. O próprio Cristianismo tem vertente no Judaísmo. É característico do ser humano passar por experimentações. A juventude tem mais ousadia e se revelam mais na busca de um lugar que dê mais retorno às suas necessidades. A instituição midiática também oferece religiões. Muitos jovens contemporâneos aproveitam um pouco de cada qual.

### **3.5. OS JOVENS MIGRANTES EM MEIO A FAMÍLIA**

No que se refere à vida familiar, assim como Lúcia, os demais jovens da pesquisa/luíú vivem na cidade se arranjando com pessoas de vínculos parentais ou não, que encarnam o simbolismo afetivo e o papel mesmo de família. Para conceituar família na contemporaneidade é preciso considerar as várias possibilidades de organização familiar existente na sociedade, pois não há na história um único modelo de família. Os modelos sempre coexistiram; família regular, irregular, estruturada, desestruturada, normal, anormal. Família é a simbologia afetiva, é o espaço de troca de afeto. Abramo assinala que já vai para um século a crise da instituição familiar e tem provocado profundas transformações no que a autora chama de “arranjos familiares” (ABRAMO, 2005, p. 93).

Essa crise está voltada principalmente para o modelo hierárquico, patriarcal, machista, adultocêntrico, normatizado. Por outro lado, diz à autora que os novos modelos veriam “a família organizada não a partir de normas ‘dadas’, mas sim, como fruto de contínuas negociações e acordos entre os seus membros e, nesse sentido, sua duração no tempo dependeria da duração dos acordos”, (Ibidem). Assim temos



os mais variados tipos de famílias: só mãe e filho/a, só pai e filho/a, homossexuais e filho ou filha adotivo/a, avós e netos, família de irmãos, tios/as e sobrinhos/as, família transnacional, família monogâmica e tantas outras. Ainda falando sobre arranjos de família e suas negociações, Abramo acrescenta que “a ênfase na capacidade de negociação dos sujeitos individuais, na família, oblitera diferenças de poder e desigualdades entre homens e mulheres, adultos e crianças, velhos e jovens, diferenças que são socialmente construídas e normatizadas” (ABRAMO, 2005, p. 93).

Esses modelos negam e destroem completamente a instituição familiar tradicional e se estabelecem como a nova instituição familiar. Afinal, essa inversão resultará no fim da crise da família ou dá início a uma nova modalidade de crise? É notória a influência da mídia na formação dos jovens, que acaba por exercer um papel crucial na atribuição de sentidos quando valorizam ou quando desvalorizam a família. A mídia é um tanto responsável pela crise nos laços familiares, pela forma como invade os lares com seus programas de indução à negação dos valores éticos e morais.

### **3.6. OPORTUNIDADES DE TRABALHO E ESCOLA**

Analisamos mais um caso específico de uma jovem, envolvida em nossa pesquisa; vamos conhecer Valdirene Araújo Nascimento. Tem 23 anos, que mora com a família. Decidiu ir para a cidade porque não tinha opção de emprego no campo e havia muita dificuldade de ir à escola. Na cidade concluiu o ensino médio há algum tempo e ainda não conseguiu ingressar na faculdade. Conseguiu alugar um salão de manicure e pedicure onde trabalha como autônoma. Um serviço passivo de instabilidade, dado a falta de oportunidades de ingressar num emprego

com carteira profissional assinada e todos os direitos legais. Valdirene conseguiu se adaptar e se entrosar com o meio social com facilidade e isso favoreceram as mudanças que ocorreram em sua vida: atualmente, integra a equipe de coordenação de catequese, e da pastoral de juventude, faz parte da equipe de liturgia e da Associação Santa Paulina.

Sua trajetória escolar é um retrato do percurso de grande parte da juventude brasileira que deposita na escola a função de garantir posições sociais superiores, cujo êxito no procedimento, em geral não é conquistado com facilidade. Esta problemática se depara com a realidade do sistema educacional falido.

O Brasil vive desafios a serem enfrentados no que diz respeito às demandas e dívidas sociais com a juventude. Conforme dados que se refere à educação temos hoje segundo a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio PNAD “17,8 milhões de jovens estão na escola, sendo 04 milhões no Ensino Fundamental, 8,3 milhões no Ensino Médio Completo. Dos 6,4 milhões de jovens desempregados, 4,5 milhões não concluíram o ensino fundamental, 1,3 milhões de jovens, são analfabetos” (SILVA, 2010, p. 19 apud PNAD,2003).

Valdirene por muito tempo alimentou o sonho de conseguir um emprego que garantisse uma vida digna a si e à sua família. Ser manicure e pedicure hoje passa a ser um orgulho para uma jovem que aprendeu a se virar sozinha no mundo do trabalho. O sonho de Valdirene continua a ser o sonho de muitos/as jovens. Para o jovem o trabalho é uma exigência primordial na aquisição de autonomia individual, mesmo sendo forçado a perceber que concorre com um sistema onde o mercado de trabalho é cada vez mais restrito e seletivo, dado o peso de desemprego.

No município de Iuiú existem 1.005 jovens, entre 15 e 29 anos. Deste total, 15 jovens foram analisados. 11 jovens estão trabalhando e somente 02 estão com

carteira profissional assinada. Os demais trabalham como babá, doméstica, faxineira, manicure e pedicure, vendedor/a varejista e sacoleira.

Com base na pesquisa do Instituto Cidadania, (2003), Silva informa que “quanto à situação do emprego e trabalho 63% dos jovens que trabalham não tem carteira profissional assinada” (Silva, 2010, p. 19). O mesmo autor referencia dados da Unicamp que “mostra que em 1995, o desemprego atingia 13, 9% dos jovens de 16 e 17 anos”. 6,4 de jovens estão desempregados.

Infelizmente, como é divulgado em Retratos das Juventudes Brasileira (2010, p.130) “os indicadores sobre o mercado de trabalho no Brasil revelam que um quadro igualmente dramático de taxas de desemprego entre os jovens de 16 a 24 anos se inscrevem no topo da escola e representa praticamente o dobro dessa medida quando tomada em referência ao total da população economicamente ativa.” Como a jovem Valdirene muitos jovens pleiteiam empregos mas um número significativo se encontra na informalidade.

### **3.7. DESAFIOS PARA OS JOVENS PROVINIENTES DO CAMPO**

Entre as dificuldades encontradas na migração os jovens citaram: adaptação, mudanças que ocorreram, dificuldades, trabalho, amizades, espaço, escola, participação eclesial e social, moradia, etc. sendo que os motivos apresentados para morar na cidade estão agregados à escola, trabalho, melhora de vida e doenças.

Na pesquisa/luiú, observamos que dos 15 jovens, 13 são do sexo feminino e 02 do sexo masculino. Partindo do pressuposto que o êxodo é uma realidade já posta aqui, esse dado transfigura um fato de predominância do sexo feminino na cidade. Entendemos que isso se deve à perpetuação de uma visão tradicional e machista, de que é o filho o herdeiro e sucessor do pai nos cuidados do campo.

Assim poucos jovens do sexo masculinos conseguem deixar o campo para estudar ou aventurar outros tipos de empregos.

Segundo os dados do IBGE (Censo 2000), “existem cerca de 14.532.780 de pessoas de 12 a 34 anos no meio rural. Desses, aproximadamente 6.850.435 são do sexo feminino e 7.682.345 do sexo masculino”. A proporção não é a mesma da pesquisa/luíu devido à metodologia, mas o resultado se firma na preponderância do masculino no meio rural.

Ressaltamos que nenhum dos 02 jovens, mencionou a escola, como motivo que os conduziu à zona urbana. Desta forma, também na escola vai se perceber a predominância do feminino. Abramo comenta que “os jovens reconhecem os limites no impacto que a instituição escolar tem sobre suas vidas, sobretudo nos benefícios de uma provável inserção no mundo do trabalho” (ABRAMO, 2005, p. 123). Conforme a autora, os jovens sabem dos seus direitos de acesso à escola, mas não contestam fortemente quando a escola é instalada fora do meio rural. Não criticam intensamente, mas sabem que dentre outras, a escolarização é uma possibilidade para se situar bem, no mundo e proporcionar um futuro profissional melhor.

O Projeto de Juventude aponta que “a juventude rural sofre profundamente as conseqüências desse modelo perverso, não contando com possibilidades mínimas, na área da educação e da ocupação produtiva” (PROJETO JUVENTUDE, 2003, p. 69). A perversidade desse modelo econômico torna inviável o crescimento econômico do jovem agricultor e o obriga a deixar a área rural para os grandes centros urbanos.

Vale à pena ressaltar o nível da satisfação dos/as jovens com o trabalho e o salário: dos onze que trabalham (02) (sacoleira e vendedora varejista) certificam-se que estão satisfeitos com o trabalho, mas, com o salário não. Outra (sacoleira)

replicou “não tem outra opção”. Oito disseram que estavam satisfeitos com o trabalho. 04 jovens não estão trabalhando. Muitas empresas só contratam funcionários com experiência profissional. Como os jovens podem ter experiência se lhe é negada qualquer possibilidade?

Das 13 mulheres jovens identificadas 09 estão na faixa etária de 14 a 19 anos, sendo que 06 são menores de idade ficando entre 14 a 17 anos. Aqui se apresenta a questão da complexidade do entendimento da etapa da juventude confundida com adolescência ou essa compreensão está associada ao lugar que a adolescente ocupa na família, em responsabilidades e trabalho.

Duas das entrevistadas são casadas, sendo a mais velha com 26 anos e com filhos. Constata-se na realidade brasileira que muitas jovens se casam bem cedo e tem filhos. Outras não se casam, mas tem filhos. Ambos os casos dificultam o acesso à escola e definem a dificuldade de independência, uma vez que esses casos em sua maioria predominam na camada menos favorecida.

### **3.8. O LAZER**

Indagados se encontraram espaços, grupos, turmas, amizades e lazer, onze responderam que haviam encontrado amigos, novas pessoas surgiram em suas vidas. Algumas jovens já tinham contato com familiares e amigos residentes na cidade. Aos que freqüentam a escola (maioria) já dispõe de um bom número de colegas ou conhecidos. O vínculo de amizades só cresceu.

Entre as dificuldades encontradas na migração, os/as jovens, com unanimidade admitiram que inicialmente a dificuldade de adaptação, foi enorme mas aos poucos, foram fazendo amizades, se envolvendo com grupos jovens e atualmente a maioria deixa transparecer que na cidade é melhor que na zona rural.

Aqui, comenta uma jovem “é mais alegre e divertido”. Outra jovem salientou que o município não dispõe de nenhum espaço de lazer para a juventude. Adentrando a essa questão o Projeto de Juventude insiste que a juventude “carece de alternativas básicas em equipamentos de lazer, cultura e saúde” (PROJETO JUVENTUDE, 2003 p.69) elementos indispensáveis nos programas de gestão agregados a várias secretarias especialmente às pautadas ao atendimento específico de jovens e adolescentes.

Retomando os motivos apresentados pelos jovens, para habitar o espaço urbano estão agregados à escola, trabalho, melhora de vida e doenças. Esses são desafios do cotidiano que perdurarão até que se acertem as dívidas sociais com a juventude brasileira e de modo especial com a juventude iuiuense.

## CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou investigar o jovem do campo no mundo contemporâneo a partir de sua trajetória de migração para a cidade, observando sua intervenção social no Município de Luiú-BA. Pretendeu-se também, observar as novas formas de organização e novos espaços a partir do contexto de saída do meio rural para o urbano, verificando quais são os valores que estes assimilam a partir da vivência no meio urbano.

Optamos por uma breve pesquisa de campo que pudesse colaborar para entender os jovens do campo e seus desafios de vivência no meio urbano. Para esta observação foi elaborado um questionário com 20 perguntas voltadas para as questões do êxodo (motivos, adaptação, mudanças, desafios e dificuldade), mas também que espaços estes ocupam ao chegar à cidade (trabalho, amizade, educação, vida social, e eclesial).

Neste caminho foi utilizada a metodologia de leitura e análise de bibliografias especializadas nos temas sobre juventude rural, urbana e participação social. Também optamos por uma breve pesquisa de campo, com metodologia quantitativa, utilizando a coleta de dados por meio de questionário respondido pelos próprios jovens.

Há certa deficiência regional no que se refere a material bibliográfico que acene para a inclusão e a vida pessoal e social da juventude rural, bem como a implementação de políticas públicas ou do serviço (cultural, esportivo, educacional, lazer, vida comunitária).

Foi admirável o desvelo com que os jovens e as jovens se prestaram a participar da pesquisa respondendo o questionário e devolvendo-o em tempo hábil. Isso possibilitou a continuidade da análise em tempo previsto.

Juventude entendida pelo viés rural, no espaço urbano, faz jus ao rol dos autores contemporâneos que abordam a temática na perspectiva da pluralidade, analisando cada segmento juvenil em sua especificidade.

Assim, informados/as de parte da realidade da juventude plural e cientes de forma singular da realidade da juventude rural presente no meio urbano, recai sobre nós a responsabilidade de trabalhar em rede de parcerias, na elaboração de programas de políticas públicas, a fim de suprir as lacunas no campo sócio-econômico-político, dessa juventude.

Nos mais diversos conceitos abordados, compreendem-se a juventude enquanto pluralidade e especificidade ao considerar o diferencial que interfere na realidade em que está inserida. Para além dos aspectos que as diferenciam: biológicos, sociológicos, psicológicos, econômicos e demais pendências, sempre haverá entre as juventudes um laço de unidade que é viver no mesmo tempo histórico, uma experiência geracional.

A juventude da pesquisa/luiú revela o rosto de uma quantia significativa de jovens que integram famílias empobrecidas (pelo perverso sistema sócio-político-econômico), que vivem numa luta constante, enfrentando dificuldades decorrentes não somente de difíceis condições de vida, mas também, na maioria das vezes, do grande processo de migração a procura da sobrevivência no espaço urbano.

Pelas informações obtidas dos jovens requisitados, pode-se dizer que, todas as dificuldades no âmbito do trabalho, da educação, da família, do lazer, do espaço social e adaptação, demarcaram os limites nos quais vivenciam sua juventude.



Assim, a situação vivenciada pelos jovens em busca de resolver essas dificuldades, constitui um fator que revela como vivem a condição juvenil.

A história das duas jovens Valdirene e Lúcia retrata a predominância da presença feminina no meio urbano desafiando a sociedade no seu espaço de trabalho, educação e intervenção social. A perspectiva de dar continuidade aos estudos para além do ensino médio é muito distante, apesar do “sonho de vida”. Além disso, a educação escolar é uma necessidade para um melhor desempenho no trabalho em função da promoção social, como diz uma jovem, “quero estudar ser alguém na vida”. Para a maioria dos jovens do sexo masculino, essa probabilidade torna-se mais remota. Concluir o ensino médio, já é uma grande conquista para o jovem que consegue um trabalho.

A grande questão motivadora da pesquisa/luiu foi perceber qual espaço que o jovem iria ocupar com sua migração do campo para o mundo urbano. Os dados coletados definiram que, que a minoria dos jovens envolvidos na pesquisa, participa de grupos ou movimentos sociais. Contudo, a maioria destes jovens participa de grupos da Igreja e se destaca o maior número em grupos de jovens. A religião é buscada como um espaço de retomada dos valores adormecidos no decorrer dos tempos. Outro dado importante é que a religião pode despertar para a participação social e muitos dos jovens que hoje são militantes, devem à Igreja sua trajetória política e mobilização social.

O número expressivo de participação eclesial dos jovens de luiu revela que este município “não está fora do que foi observado na pesquisa realizada pelo IBASE, em que os grupos de cunho religioso apresentam o maior índice de participação social” (RODRIGUES, 2010, p.104).

Com esse trabalho espero ter contribuído com um minúsculo fascículo de conhecimento e informação de dados importantes da realidade juvenil local despertando com ele o senso crítico, podendo levar a uma postura política nos grupos de jovens e em outros espaços da vida social num processo de busca de autonomia na superação dos desafios que o sistema social lhes impôs.

Em geral as pesquisas deixam margem de muitas outras possibilidades porque não esgotou o conjunto de informações. Esta poderia ser continuada a partir da problematização da ausência de políticas públicas e demais programas gestores que sirvam de suporte e incentivo a permanência da juventude no campo.

Na maioria das vezes os jovens e as jovens não abandonam o meio rural simplesmente porque deixou de curtir-lo, mas por razões de sobrevivência. Na pesquisa/luí seis jovens demonstram vontade de voltar, mesmo que seja depois de terminar os estudos, somente para visitá-lo, ou quando tiver bem de vida financeiramente e três querem mesmo voltar um dia ao campo. Uma jovem revela; “sinto falta do ar puro e do sossego que se tem no campo”.

(Que forças de valorização e incentivo existem, para que a juventude rural permaneça na sua terra?)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BORAN, Jorge. *O Futuro tem nome: Juventude*. Sugestões práticas trabalhar com jovens. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

CÚFICO. Curso de Formação para Coordenadores. Diocese de Caetité. Bahia. s/data.

CELAM. *Pastoral da Juventude*. Sim à civilização do amor. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

CRB. Conferência dos Religiosos do Brasil. *Juventudes*. O exercício da escuta no processo de aproximação. Brasília: pub. CRB, 2010.

CNBB, Conferência dos Bispos do Brasil. *Evangelização da Juventude*. Desafios e perspectivas pastorais. Doc. 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

CNBB, Conferência dos Bispos do Brasil. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 3ª ed. São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná. *Os Sonhos e os Desafios da Juventude Rural*. Revista Sociologia especial. São Paulo: escala educacional, 2007.

DICK, Hilário. *Gritos Silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na História*. São Paulo: Loyola, 2003.

ENFOC. Encontro de Formação para Coordenadores da Pastoral de Juventude. Bahia, 2008.

FIGUEIREDO, José Silva. *A Juventude Rural: construindo seu projeto*. Belo horizonte, 2008.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin. (org.). *Jovens, Educação e Campos Simbólicos*. Goiânia: Edit. UCG, 2007.

LIBANIO, J. B. *Jovens em Tempo de Pós-Modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

*PROJETO JUVENTUDE: Documento de Conclusão, complementação e ajustes*. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004.

\_\_\_\_\_. Edit. Fundação Cidadania, 2003.

SILVA, Lourival Rodrigues. *Contemporaneidade e Juventude*. Goiânia, 2010.

NOVAES, Regina. *Juventude e Sociedade: jogos de Espelhos*. Revista Sociologia especial. São Paulo: escala educacional, 2007.